



Angel para o Shabat

Sem mais ninguém, nós mesmos: Reflexões da Parashá Behar-Bechucotai, 5777.

Pelo Rabino Marc D Angel

A porção da Torá desta semana discute as leis do ano sabático, quando os agricultores devem deixar suas terras em pose. Este “*descanso*” para a terra é uma demonstração de que a terra pertence ao Todo-Poderoso, não a nós, e que dependemos do Todo-Poderoso para nosso sustento. Ao relatar as leis do período sabático agrícola, a Torá declara: “*E se disserem: Que comeremos no sétimo ano, pois não semearemos, nem ajuntaremos a nossa colheita? O sexto ano produzirá o produto para os três anos [sexto, sétimo e oitavo]*” (Vayikra 25: 20-21).

O Me'am Lo'ez, o comentário judaico-espanhol clássico da Torá, pergunta por que a Torá apresenta esta informação em termos de uma pergunta e resposta, i.e., p: O que vamos comer se não podemos trabalhar no campo? r: Não se preocupe, D-s irá fornecer algo extra no sexto ano. Poderia simplesmente ter afirmado: cumpram as leis do ano sabático e D-s irá fornecer colheitas abundantes no sexto ano, de modo que você terá comida suficiente ao longo dos próximos anos. Por que a Torá registra a pergunta - o que vamos comer no sétimo ano?

O Me'am Lo'ez sugere que a pergunta, o que vamos comer? é um reflexo da nossa ansiedade e preocupação. Uma lição moral do ano sabático é que devemos nos preocupar com nosso sustento. Mesmo que normalmente tenhamos o suficiente para comer, pelo menos uma vez em sete anos, ficamos profundamente nervosos de talvez não ter comida suficiente. Somos levados a perguntar: se não podemos plantar nossas colheitas, como vamos alimentar a nós mesmos e às nossas famílias? Essa mesma questão que nos obriga a compreender o que é a pobreza. Embora possamos fazer a pergunta apenas uma vez em um ciclo sabático, os pobres têm que fazer essa pergunta todos os dias de suas vidas. Cada dia, eles se perguntam como eles vão fornecer comida para si e suas famílias. Ao nos fazer a pergunta e sentir o medo da fome iminente, a Torá nos ensina ter empatia com a constante situação dos pobres. Sentindo este temor nós mesmos, seremos mais capazes de compreender a situação de quem não tem o seu alimento diário, e nós seremos mais compassivos em prover eles.

É uma tendência humana normal assumir que os problemas pertencem a “*alguém mais*”, e que esse “*alguém mais*” irá resolver ou lidar com eles de alguma forma. A Torá nos desafia a interiorizar os problemas dos outros e assumir uma responsabilidade pessoal por ajudar a melhorar as coisas. Se há pessoas pobres e oprimidas, não devemos deixá-las para “*alguém mais*”, mas precisamos sentir a própria dor e ver como podemos ajudar. Podemos simpatizar com eles somente se realmente sentimos seus sofrimentos e ansiedades em nós mesmos.

Isto é verdade não apenas quando se trata de empatia com os pobres, os oprimidos, os doentes. É verdade sobre a responsabilidade social em geral. As pessoas querem que existam sinagogas e escolas, hospitais e pesquisas médicas, agências de assistência social, etc., mas às vezes acham que essas instituições serão mantidas por “*alguém mais*”. Eles não assumem a responsabilidade pessoal por essas instituições e causas.

Se quisermos que certas instituições e causas sejam apoiadas em benefício da sociedade - então precisamos olhar no espelho e perceber que somos nós os que precisamos dar um passo adiante. Precisamos sentir o desafio pessoal e a responsabilidade pessoal.

Se quisermos ter um mundo melhor, isso acontecerá através da nossa própria assunção de compromisso pessoal, nosso próprio idealismo, nossa própria determinação.

Não podemos e não devemos assumir que “*alguém mais*” cuidará de tudo para nós. A resposta não é “*alguém mais*”, A resposta é: nós.

Shabat Shalom.